

AS FACES DA LOUCURA: DA ANTIGUIDADE AO PERÍODO MEDIEVAL.

Luiz Antônio Castro de Miranda¹

Renata Macedo de Souza²

RESUMO: O presente trabalho visa apresentar a evolução da loucura no período compreendido da Antiguidade à Idade Média, sob o enfoque da Literatura, Científico e Religioso. Ao analisar os primórdios da civilização, é constatada que a loucura não possuía atribuição de transtorno doença mental, mas relacionada ao estado de espírito, aos dogmas religiosos, mera curiosidade científica e comportamento inverso ao modelo convívio social.

Palavras-chave: loucura; religião; ciência e corpo social.

¹ Mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (PUC/SP). Procurador de Justiça no Ministério Público do Estado de São Paulo. Professor titular no curso de graduação da faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), na disciplina de Direito Processual Penal.

² Mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (PUC/SP). Advogada e Docente.

Introdução

Um singelo panorama da loucura a partir da Antiguidade regida pelos deuses da mitologia que determinavam o comportamento dos indivíduos, os ditos “mortais”, cujo qualquer atitude que despertasse a ira divinal dos deuses seria considerado loucura.

Posteriormente, o homem começa a se desprender do sentido mitológico de explicação e tratamento da loucura ao investigar o organismo do ser humano: seus estímulos, relação entre o psíquico e os demais órgãos nas causas e exteriorização da loucura, a chamada teoria organicista de Hipócrates.

Com Platão, surge a teoria tripartida da alma: racional, irascível ou emotiva e apetitiva. A presente tripartição da alma foi relacionada à divisão utilizada na psicanálise em id, ego e superego.

Por fim, o período medieval cujo retorno às crenças trazidas pelo “céu e inferno” com a religião indissociável da Medicina e, desta forma, estagnando o desenvolvimento científico propulsionado pela razão de outrora. Neste período, quaisquer comportamentos contrários aos ditames e dogmas da igreja eram caracterizados como loucura.

Loucura na Antiguidade greco-romana

Importante influência na formação da cultura ocidental, a civilização grega pode ser considerada o momento inicial da teoria da loucura em tal período de modo a demonstrar, pelos romances épicos, comportamentos desvairados, anormais devidos à contrariedade ao poder dos deuses mitológicos ou pelos sentimentos de ira, ódio, vingança e traição típicos da essência humana e constantemente retratados nas sagas e romances do período.

Pela obra *Ilíada*, de Homero, conhecida pelos seus versos retratando feitos bélicos cujos personagens são guerreiros de grandes batalhas e onde homens (mortais) têm suas atitudes pautadas na aproximação e respeito aos deuses do Olimpo.

A narrativa das alterações do comportamento humano perante uma situação de perigo e medo, como durante a guerra, chama a atenção em *Ilíada* pela forma como Homero direciona o leitor a perceber todo o sentimento gerado pelos desdobramentos das relações entre deuses e seres mortais.

As formas de expressões do comportamento contrárias ao auferido pelo corpo social para a manutenção da paz e equilíbrio nas relações, já poderia ser considerada um indício para futuras ideias de descontrole emocional, insanidade, perturbação e loucura. O interessante é que tais atitudes são relacionadas ao homem passível de discernimento e, ao mesmo tempo, um modo dos deuses utilizarem o indivíduo para provar a sua força, mantendo-o em posição inferior quanto às suas vontades, ou seja, sendo um instrumento de provação pelas divindades no exercício do seu poder supremo em face dos mortais.

Na época, a afronta ao corpo social é considerada loucura que, por sua vez, é provocada pela determinação dos deuses. Como exemplo de tal manifestação divina, temos Zeus, o deus supremo³, e das demais divindades inferiores que puniam o homem que os desafiassem, numa tentativa de aproximação ou superação aos poderes divinos, uma espécie de “travessura” celestial diante dos meros mortais.

Neste momento, a loucura é vista como subversão à ordem social (Pessoti, 1994, 19), um mero estado transitório do homem que sugere um rearranjo na personalidade e atitudes do indivíduo para voltar ao convívio social, passível de aprovação dos demais membros da sociedade perante a análise de enquadramento da conduta do suposto desajustado às regras de convivência social e divina.

Tal reinserção ou enquadramento social do desajustado ocorre pela aplicação de uma espécie de “terapia”, devido à intervenção externa dos deuses na mente, superego da pessoa, sempre com o intuito de enquadramento social e conhecimento interior do enlouquecido (Pessoti, 1994, 20-21).

Já em *Odisseia*, Homero apresenta um poema posterior ao fim da guerra, narrada em *Ilíada*, em que o enaltecimento ao romantismo e paz atrelados ao cotidiano do homem comum unido à sua família, meio social e mais afastado da visão heroica dos deuses demonstrada em *Ilíada*.

Concluimos que a presença de indícios da análise da loucura, dos sentimentos do homem nos versos da *Ilíada*, durante confrontos militares, evidencia que atitudes

³ No verso 630, do canto XIII a *Ilíada*, é notória a supremacia e perfeição de Zeus em relação aos homens mortais quando descreve características boas e ruins da alma humana: “Dizem, Zeus pai, que superas os homens e os deuses com tua sabedoria; no entanto, provêm de ti, só, tais vilezas, por tal maneira a estes homens de mente soberba demonstras parcialidade, os Troianos de espírito sempre perverso e que jamais se saciam da guerra que a todos iguala. De tudo os homens se fartam, do amor, do repouso agradável, do belo...”

contrárias ao modelo social aceitável, neste período, eram consideradas momentos de loucura devidos à afronta aos deuses que, por sua vez, castigam os mortais por tais atos, uma vez que tais divindades eram veneradas, respeitadas pela sua beleza, inteligência, força, coragem e determinação em utilizar os homens, simples mortais imperfeitos, como seus instrumentos de vontade para o bem ou mal quando transgredido o modelo social.

Interessante que a loucura não é uma doença, mas um estado de espírito alterado pelos deuses para o indivíduo desajustado ser notado como diferente e carente de “terapia” pelos demais indivíduos, lembrando que o tratamento, a “cura” aqui não está relacionado à Medicina, mas um modo de reajustamento de conduta ao modelo de convívio social tido como o único caminho para a paz coletiva.

A partir de tal “terapia” já é possível atrelar, mesmo em considerável espaço de tempo, ao poema de Homero em *Odisséia*, porquanto o exercício do modelo social é realizado no panorama das verdadeiras relações de convívio do indivíduo: família, propriedade, amigos e sentimentos próprios, sem deuses para interferência.

Tragédia, segundo a clássica definição de Aristóteles em sua obra *Poética*, é a imitação, através da representação, de uma ação relevante e completa, de certa extensão; com a utilização de linguagem poética, formando um estilo agradável cujos integrantes do poema são alternados na peça através do concurso de atores durante a narrativa com a substituição da paixão pelo terror, gerando a purificação das almas pela justificativa do drama entre os envolvidos (Lesky, 1996, 28).

Os principais representantes do período das tragédias gregas e que mais retrataram a loucura em seus textos foram Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. Suas obras são ricas em detalhes e alterações do comportamento humano ao apresentar manias, devaneios, alterações repentinas de humor nas falas e representações de seus personagens. Referente à presente informação histórica, as tragédias gregas demonstram o início da observação e importância às características comportamentais geradas no campo das relações sociais e seus resultados, incluindo as atitudes inesperadas e consideradas negativas, como a loucura, lembrando que os supracitados autores não pretenderam em suas obras utilizar a loucura como enfoque de seus textos ou dos indivíduos transtornados de modo consciente e específico, algo inimaginável para a época (Malhadas, 2003, 17-26).

Em *Oréstia*, Ésquilo trata de conflitos vividos pelo personagem central, Orestes, com as leis divinas e da sociedade, em que a interferência entre os dois mundos é constante na obra.

No enredo, Orestes vive um dilema relacionado à morte de seu pai, assassinado por sua mãe e seu padrasto; ele tem o pensamento de vingança para honrar a memória e crime cometido contra seu pai e, por outro lado, o respeito à mãe. Assim, ele acaba por se deparar com um misto de sentimentos antagônicos: o respeito e gratidão pelo cuidado materno e a ordem manifestada pelo deus Apolo, através do oráculo, de que Orestes deveria assassinar a própria mãe em atendimento ao espírito de lealdade e vingança pela morte do seu progenitor. (Pessoti, 1994, 25).

Eurípedes, assim como Ésquilo, também centraliza a loucura nos conflitos entre razão e os ditames legais como forma de balizar as condutas na sociedade. Assim como os demais escritores da tragédia grega, Eurípedes possui inúmeras obras, mas trataremos para fins comportamentais relacionados à loucura, da obra *Medeia*.

O mito de *Medeia*⁴, obra datada de 431 a. C, é utilizado até hoje pela Psicologia e Psiquiatria para analisar casos na esfera criminal nos quais ocorram homicídios

⁴ De modo resumido, o enredo de *Medeia* trata do herdeiro do trono de Iolco, chamado Jáson, que passou a vida sendo treinado e preparado para assumir o lugar de seu pai, Áison, que por sua vez, enquanto seu filho era pequeno e passava por treinamento, entregou o poder ao primo Pelias que chegou o momento de passar o trono a Jáson, recusou. Após certo tempo, Jáson resolve ir a Iolco para assumir o seu poder de soberano e procura por Pelias que propõe a Jáson uma viagem punitiva contra o rei da Cólquida e a realização de diversos desafios que cumpridos Jáson teria o trono de Iolco. Durante a viagem para cumprimento do desafio, Jáson conhece *Medeia*, filha do rei e moça detentora de poderes mágicos e que, instantaneamente, se apaixona por Jáson prometendo ajudá-lo a cumprir os desafios e sair vitorioso, desde que lhe promettesse fidelidade eterna e casamento, proposta logo aceita por Jáson. Posteriormente, Jáson conquistou o toso de ouro e embarcou junto da apaixonada *Medeia* para Iolco. Desesperado com a fuga da filha com Jáson, o rei de Aietes ordenou que seu filho, Áspirto, fosse atrás da irmã e a trouxesse de volta. *Medeia*, cega de paixão, matou e esquartejou o seu irmão, espalhando as partes dos restos mortais de Áspirto ao longo da rota de Argó como forma de impedir que seu pai a perseguisse. Chegando a Iolco, após muita festa da população pelas conquistas de Jáson, *Medeia* prometeu a Pelias uma porção do rejuvenescimento, mas aproveitou a oportunidade, instigada por Jáson, e ofereceu uma fórmula incorreta que matou Pelias, pretendendo que seu amado assumisse o desejado trono, algo que não conseguiu devido a revolta da população. Finalmente, para alcançar tal poder, Jáson se apaixona pela filha de um rei local e abandona *Medeia* e esta, por sua vez, é tomada pela raiva, ódio e mágoa, ela planeja se vingar de Jáson. Tal vingança pretende causar dor e desespero

praticados no núcleo familiar: ascendente contra descendente, irmãos que ferem e matam irmãos, o chamado parricídio. Mesmo nos dias atuais, quando os noticiários relatam casos desta natureza, a análise preliminar é atribuir a motivação à loucura. Entretanto, somente haverá respostas para tal “desfecho familiar” diante do exame e estudo do caso concreto.

Para finalizar exemplos de tragédias gregas relacionadas à loucura, resta tratar, de modo sucinto, uma das excelentes obras de Sófocles, *Ájax*, cujo enredo é o que mais se aproxima em descrever as atitudes do homem “louco”.

Ao fim, *Ájax* é acometido pela culpa e começa a penitenciar-se pelo ato praticado, levando-o ao desespero e na impossibilidade em manter a sua honra diante da sociedade, suicida-se (Lesky, 1996, 146).

A teoria organicista de Hipócrates

Considerado o “pai da Medicina”, Hipócrates é o responsável pela teoria organicista da loucura na qual reconhece que as alterações nas características da personalidade estão relacionadas ao processo orgânico, físico do homem. Tais processos fogem ao controle racional de escolha do indivíduo (Pessoti, 1994, 47).

A partir desta teoria, ocorre a mudança na forma de análise da loucura, saindo da esfera mitológica, irracional (atribuição aos deuses pelo estado perturbado do indivíduo) e alcançando o estudo da fisiologia do homem.

Tais conhecimentos acabam por minar o prestígio dos sacerdotes da época, tidos como os verdadeiros “médicos” para cura a tais males, uma vez que seriam os representantes de Deus na terra.

No seu texto *De Morbo Sacro*, Hipócrates discorre acerca dos diagnósticos que atribuem aos deuses determinadas doenças, cita como exemplo a epilepsia que na época era atribuída às divindades e considerada como loucura.

Diante de tal característica organicista, no estudo da loucura, Hipócrates iniciou seus estudos a partir do cérebro, sendo o órgão responsável por centralizar e funcionar

em Jáson, para isso planeja vingança que consiste na morte da nova esposa de Jáson e a dos próprios filhos que tivera com seu ex-companheiro. Por fim, Medeia concretiza o plano movido pela vingança e fúria despertadas pela traição de Jáson que a deixa totalmente irracional e movida à paixão dos acontecimentos.

todos os mecanismos relativos ao comportamento, onde ao manifestar “funcionamento precário”, ora chamados distúrbios, haveria uma ação externa atípica, a loucura.

Ao estudar o cérebro humano, Hipócrates concluiu que a maioria das doenças que atingiam, ao mesmo modo, o corpo e a alma, resultavam de transtornos dos humores. A partir da teoria concebida pelo estudo do cérebro, foram descritos, de modo inédito, quadros clínicos como a frenite (perturbação mental seguida de febre), a mania (perturbação mental agitada e sem febre) e a melancolia (perturbação mental crônica, sem agitação e nem febre) ⁵.

A teoria de Hipócrates explica muitos dos sintomas psiquiátricos ainda utilizados nos dias atuais, tais como a depressão, a melancolia, convulsões, alucinações decorrentes da fusão orgânica de algum desarranjo relacionado ao cérebro atrelado a fatores externos, como alteração do meio no qual o indivíduo vive. Tal teoria tem a importância pela retirada do caráter meramente religioso para o pensamento médico para a composição de sintomas relacionados a quadros clínicos e, conseqüentemente, gerando um diagnóstico no qual tem a inferência do meio circundante. ⁶

A teoria tripartida da alma de Platão

A primeira concepção a concluir todo o processo pesquisa acerca do comportamento humano e, com isso, reações relacionadas à loucura surgida posteriormente à teoria organicista, foi a formulada por Platão em sua obra *República*, onde o filósofo apresenta a teoria tripartida da alma.

Conforme Platão, o corpo humano está ao mesmo tempo parado e em movimento: o eixo, a sua base estática e os demais membros e cabeça em movimento. A partir de tal constatação, a alma possui três partes: racional, irascível ou emotiva e

⁵ Tal classificação é pertinente aos chamados aforismos que foram condensados na obra *Corpus hipocraticum*. FONSECA, A. Fernandes da. *Psiquiatria e Psicopatologia*. v.1, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, p. 37.

⁶ “É preciso que os homens saibam que não é senão do cérebro que nos vêm as satisfações, as alegrias, os sorrisos, as hilariedades, bem como as dores, as aflições, as tristezas e os prantos. É com ele sobretudo que compreendemos e pensamos, vemos e ouvimos, e distinguimos entre as coisas belas e as feias, más e boas, agradáveis e desagradáveis, distinguido algumas segundo o costume, outras sentindo-as segundo o que é útil, e discernindo com isso os prazeres e os desprazeres conforme os momentos, não gostamos sempre das mesmas coisas.” Hipócrates, *De Morbo Sacro*, MS, XIV, 1-5.

apetitiva. A presente tripartição da alma foi relacionada à divisão utilizada na psicanálise em id, ego e superego.

A parte racional da alma é a responsável pelo intelecto, reflexão dos atos e, por isso, controle das demais partes da alma. A irascível ou emotiva opera as sensações, a sensibilidade. Já a parte apetitiva trata dos aspectos fisiológicos do ser humano, pode ser relacionada às características primitivas e inerentes do homem anteriores à civilização com as suas regras, presentes independentes de quaisquer normas ou ditames sociais.

Sendo a parte racional a grande condutora, a loucura para Platão seria a razão fora do seu eixo de controlador pela ausência de lógica para lidar e saber conduzir as demais ao caminho do equilíbrio, a impor limites. Por isso, ocorrem inúmeros tipos e graus variados de loucura ou delírio que resultam em desordem mental (Pessoti, 1994, 60).

Importante para entendimento da história da loucura até o *status* de doença mental atual é a contribuição especial e definitiva de Aristóteles pela sua compreensão ao relacionar mente ativa às funções do organismo, sendo considerado o fundador da teoria organicista. Para o famoso filósofo, físico e mente são dois componentes diferentes, mas essenciais para formar um composto uno onde uma não exista sem a outra, tanto pela atividade corporal, física como mental (Palomba, 2009, 17). Aristóteles estudou as percepções através dos cinco sentidos, concluindo que o coração é o órgão central. A partir de tal percepção é alcançada a análise descritiva do conteúdo da consciência, memória e o raciocínio (Alexander & Selesnik, 1968, 67-68).

Como desdobramento evolutivo acerca da loucura, grande importância de Areteu (Pessoti, 1994, 70) ao tratar, de modo preciso, a diferença entre mania e melancolia sob um enfoque menos organicista, ou seja, sob o prisma da conceituação de ilusão e alucinação através da observância do comportamento humano.

O último e grande nome a contribuir para a história da loucura, na Antiguidade, foi Galeano. A contribuição do grande mestre foi a distinção entre loucura e delírios oriundos de outras situações de vivência do homem. Ele relaciona a neurofisiologia à loucura, iniciando os seus estudos pela já conhecida tripartição da alma de Platão, sob um novo enfoque: racional (cérebro), irascível (coração) e concupiscível (fígado). A teoria galeana é considerada como o aprimoramento do conceito e análises de Hipócrates.

Conforme Galeano, a loucura tem natureza dupla: sendo orgânica e psicológica ao alterar as faculdades mentais, concentração e memória, que encontram o seu ponto

central de partida do encéfalo. Aqui as manias e melancolias continuam como loucura, mas constatando diversos modos de manifestação. Referente às manias, as principais formas são alegre, furiosa e homicida.

Para Galeano, as doenças mentais seriam lesões nas principais funções da alma: imaginativa, racional e memorativa causando a fragilidade ou fim de todas as funções ou de uma delas. Como exemplo da abolição de tais funções, se ocorresse o fim da razão e imaginação, o resultado é amnésia, estupidez e imbecilidade. (Pessoti, 1994, 74).

Idade Média e a teoria demonista

Apesar da sua tímida contribuição sociocultural, como a construção dos primeiros hospitais e inauguração das universidades pela Europa, a Idade Média, com enfoque em nosso estudo, foi também época marcada pela estagnação, ignorância e retrocesso intelectual devido à perseguição aos indivíduos que cultuassem divindades pagãs que, por sua vez, eram relacionadas ou vistas como adoração ao demônio, uma heresia que deveria ser combatida pela utilização do exorcismo.

Durante o Império Romano, houve a institucionalização e hierarquia da Igreja católica, tornando-a uma organização rígida e forte, sendo um obstáculo à modernização de ideias e novas formas de diagnóstico e tratamento da loucura. Todo o avanço realizado no período da antiguidade clássica até o começo da Idade Média pelos escolásticos cristãos e médicos árabes⁷, tornou-se obsoleto devido à justificativa da loucura ser relacionada à possessão pelo “demônio”, resultando em perturbação e alteração no estado do indivíduo.

Assim, após os primórdios da Idade Média, a Medicina tornou-se indissociável da religião, ou seja, tanto o diagnóstico quanto o tratamento da loucura eram vistos sob os ditames e pensamentos religiosos determinando o caráter sobrenatural às doenças e no exorcismo uma forma de libertar o corpo e a alma da loucura advinda do demônio (Alexander & Selesnick, 1968, 86).

⁷ Um dos ilustres médicos árabes foi Rhazes, brilhante professor e clínico geral. Teve importância ao descrever todas as doenças mentais de modo detalhado e ao empregar a psicoterapia, como os hipocráticos para tratamento dos doentes mentais à época.

A teoria demonista tem o seu início em meados da Idade Média, ao fim do século XIV, e consolidação no período renascentista. Trata do dualismo cristão entre o bem e o mal, em que o demônio representa toda a maldade e objetivo em desgraçar o homem, acabando com sua virtude, levando-os à heresia e crença em mitos pagãos (Pessoti, 1994, 84).

Muitos escritores medievais deram sua contribuição quanto à formulação da doutrina demonista, seu expoente foi o padre apologista, Agostinho de Hipona. Ainda que convicto da maioria dos dogmas da igreja, em sua teoria acreditou na decisão e revelação divina como conhecimento da mente e ações humanas.

Para alguns escritores, Agostinho teve seu diferencial na teoria demonista pelo “rigor e alcance teológico” no qual o mal, representado pela figura do demônio, é a forma de aperfeiçoamento dos homens pelo exercício ao encontro com Deus. Assim, o homem pode fazer o bom ou mau uso das escolhas (livre-arbítrio) (Idem, ibidem, 85), atribuindo ao demônio tudo que fosse de ruim ao homem e externo a ele: acidentes naturais, abortos, perdas de colheitas, seriam frutos de feitiço, bruxaria pelo mundo ter sido criado pela obra boa de Deus.

Já outros estudiosos dos ramos da Psicanálise e Psiquiatria, acreditam que a importância de Agostinho se deve à percepção pela autoanálise, o olhar introspectivo do indivíduo para o seu “eu”, observando suas próprias emoções, senti-las e a partir delas saber que, mesmo o sentimento descrito e nomeado para conhecimento externo, ele é diverso quando comparado a outro ser humano, podendo ser extremado ou discreto dentro do universo íntimo e característico do homem (Alexander & Selesnick, 1968, 87).

Tomás de Aquino foi um teólogo e filósofo, autor da obra *Summa Theologica*, na qual tratou da questão do autoconhecimento da alma com forte inspiração nas ideias propagadas por Agostinho, em sua obra *De Trindade*, como visto, trata da importância do indivíduo em exercitar o seu autoconhecimento, uma vez que a própria mente já se conhece.

No pensamento de Tomás de Aquino, a alma é vista como forma de comunicar o ato ao corpo, supondo que para tal movimento é necessário um conteúdo pré-adquirido, para o conhecimento. Trata-se em compatibilizar liberdade, representada pelo livre-arbítrio, e predestinação (Chalub, 1981, 48).

A diferença entre as duas teorias está, basicamente, no processo para adquirir o autoconhecimento: em Agostinho tal conhecimento individual é imediato, sem precisar

de uma base ou material para ligação entre alma e corpo através do ato (Andrade, 2013, 20).

Importante ressaltar que tanto Agostinho quanto Tomás de Aquino, apesar de terem contribuído de modo especial para Psicologia e Psiquiatria atuais, foram precursores de métodos utilizados e aperfeiçoados, consideradas teorias essenciais para evolução das futuras gerações no avanço das técnicas do diagnóstico e tratamento (Alexander & Selesnick, 1968, 90). Porém, mesmo com tamanha proeza, tais pensadores ainda eram atrelados a credences e determinações da Igreja as quais pertenciam, sugerindo inserção em suas teorias de rituais para libertação, certo exorcismo aos ditos “possuídos pelo demônio” ao apresentarem características de histeria, melancolia, mania, depressão ou utilização da feitiçaria. A inquisição, a chamada “guerra santa” e o exorcismo eram considerados os “tratamentos” para a cura do mal mental.

A teoria demonista, ao declarar uma verdadeira “caça as bruxas”, teve toda a sua ideologia e objetivos codificados no livro *Malleus Maleficarum*, 1487, que descreve, minuciosamente, as formas para identificar os casos de possessão diabólica ou do exercício da bruxaria para posterior tratamento coletivo (extermínio, morte da pessoa possuída) ou a cura individual (exorcismo).

Após *Malleus*, surgiu em 1576 o *Compendio*, obra que também abrange métodos de exorcismo sob o enfoque a persuadir o charlatanismo pela prática indevida realizada pelos membros pertencentes ao clero ou leigos sem o devido conhecimento doutrinário para execução dos atos exorcistas. Assim, ela não visa apenas aos clérigos, mas também aos nobres, seus protegidos e admiradores (Pessoti, 1994, 106).

Como ponto relevante ao escorço da cultura, tanto *Malleus* quanto *Compendio* tem no desconhecido forma de fenômeno sobrenatural, aberração e, desta forma, o demônio responsável pela propagação das alucinações, violência física, melancolia e qualquer doença desconhecida, inclusive o quadro de loucura.

A loucura no período medieval apresenta como motivação a interferência diabólica, influenciando a natureza do indivíduo resultando no descontrole mental, sendo o instinto primitivo sobreposto à razão (Quijada, 2002, 122).

Conclusão

Ao analisar todo o desdobramento do período, ora objeto do presente trabalho, é percebido o constante dilema humano ao transitar entre os campos científico e religioso com intuito de explicar a loucura, os comportamentos “conflitantes” junto ao corpo social. Entretanto, na Antiguidade notamos que grandes escritores do período representaram, deram vida ao trazer a loucura para Literatura, a partir do interesse despertado pela observação do cotidiano da época.

De modo objetivo, a loucura sempre foi considerada um tabu e substantivo a adjetivar os indivíduos que causavam afronta ao sistema e, principalmente, neste período ser louco atribuía duas funções distintas: cobaia para experimentos científicos e como exemplo de comportamento a ser repreendido e evitado pelos demais integrantes da comunidade como forma de controle estatal.

Infelizmente, em pleno século XXI e com todo o seu aparato técnico-científico para interpretar a loucura necessária à evolução das artes, literatura e das ciências, o homem ainda a relaciona aos transtornos mentais, passíveis de tratamento, e maneira a excluir pela utilização de rótulos os ditos “perturbados e loucos”.

Bibliografia

ALEXANDER, Franz G. e SELESNICK, Sheldon T. *Historia da Psiquiatria – uma avaliação do pensamento e da pratica psiquiátrica desde os tempos primitivos até o presente*. São Paulo: Ed. IBRASA, 1968.

ANDRADE, Marcelo Pereira de. *O autoconhecimento da alma em São Tomás de Aquino*. Tese apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

CHALUB, Miguel. *Introdução à psicopatologia forense*. Rio de Janeiro: Forense, 1981.

FONSECA, A. Fernandes da. *Psiquiatria e Psicopatologia*. v 1 Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

HIPÓCRATES. *Marbo Sacro*, MS, XIV.

LESKY, Alibin. *A tragédia grega*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996.

MALHADAS, Daisi. *Tragédia grega*. Cotia: Ed. Atelie editorial, 2003.

PALOMBA, Guido Arturo. *Dicionário biográfico da psiquiatria e da psicologia*. São Paulo: Juarez, 2009.

PESSOTI, Isaias. *A loucura e as épocas*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

QUIJADA, Mario H. De casa de orates a instituto psiquiátrico. Breve reseña de 150 años de historia de la psiquiatria chilena. *Psiquiatria y Salud Mental*, año 19, n. 3, p. 122, jul.-sept. 2002.